

Deus e o Cristo petrino do Novo Testamento

JOSÉ CARLOS CARVALHO

Faculdade de Teologia (UCP) – Porto

Introdução¹

Por Deus e Cristo petrinus nestas breves notas entende-se a imagem que Pedro foi construindo de Deus a partir de Jesus e depois de Cristo, como também a imagem que sai do Deus do Novo Testamento perante a surpresa que causa a Pedro. Este Deus e este Cristo *de* Pedro aludem à imagem que Pedro tem de ambos quanto à imagem que em Pedro a Igreja pode reconstruir do Deus e do Cristo dos discípulos. Num breve voo (de modo nenhum exaustivo mas meramente evocativo) pelo Novo Testamento avistam-se então duas grandes paisagens: a de Simão com o seu Deus e o seu Jesus ao lado do Deus e do Cristo de Pedro. Este voo acontece numa época em que Pedro e Paulo não mais são colocados em rota de colisão, como foi apanágio da exegese protestante liberal do século XIX. Um e outro surgirão lado a lado, desafiados à graça, à gratuidade, convocados pela graça, por pura graça.

¹ Em homenagem ao nosso professor e homenageado, evocamos aqui algumas brevíssimas notas bíblicas atinentes ao curso de “Mistério de Deus” que leccionou tantos anos. Para tal confrontamos Pedro e Paulo.

1. O léxico fundamental

Constitui um dado muito visível a referência a *Simão* (o primeiro nome) concentrada nos evangelhos e nos Actos. Existe apenas mais uma única referência (“Simeon”) na titulação de 2 Ped 1,1. Todo o restante Novo Testamento fala em *Cephas* e sobretudo em *Pedro*. Se exceptuarmos Gal 2,7-8; 1 Ped 1,1; 2 Ped 1,1, também as evocações de Pedro como Pedro (no seu nome grego) estão também todas nos evangelhos e algumas nos Actos. Já o equivalente aramaico *Kêphas* é recordado com menos frequência (uma única vez em Jo 1,42 no chamamento dos discípulos e todas as outras em Paulo, curiosamente): na pergunta retórica de 1 Cor 1,12 a propósito das divisões na comunidade (cf. 1 Cor 3,22), no kerygma anterior a Paulo de 1 Cor 15,3-5 em que a ressurreição é relatada e *dada a ver a todos* principalmente a *Cephas*, no famoso incidente de Antioquia quando *Pedro é re-preendido diante de todos* sem qualquer vergonha ou preocupação carreirista por parte do irreverente Paulo, no encontro com o mesmo Paulo em Jerusalém em Gal 1,18 no dito primeiro concílio quando o apóstolo das gentes lhe relata (*historêsai*) a circuncisão dos pagãos, e na referência explícita ao lado dos “restantes apóstolos” em 1 Cor 9,5.

2. O Deus e o Cristo Jesus de Simão Cephas

A partir do seu comportamento, Pedro (*a pedra*, a rocha *Kêphas*) deixa transparecer bem a imagem de Deus que nem sempre consegue ver no Cristo, no Ungido de Deus como também a diferença da sua leitura de Jesus. As coisas complicam-se quando Jesus anuncia aos discípulos (entre eles Pedro) um Deus crucificado por três vezes na subida para Jerusalém (pelos vistos uma vez não foi suficiente: cf. Mc 8,29-32; 9,32; 10,33-35) na secção mais importante do evangelho de Marcos (Mc 8,27-10,52). Este Deus não entra na teologia do pescador Simão, logo não se compagina com aquele Jesus que não pode terminar daquela maneira (passar por um processo e ser morto), nem Jesus se compagina com Ele. Essa, evidentemente, não é a expectativa messiânica que poderá assim ser realizada. Em Mc 8,32 Pedro começou a recriminar Jesus por aquilo que ouviu. Mas o mais grave é que o faz com o verbo que é usado pelos “espíritos impuros” aos quais Je-

sus ordena (“epitimân”) para se calarem ou para saírem. Pedro quer que Jesus saia desse esquema do servo de Javé do deuterio-Isaías. O Deus que assume e se enfrenta redentoramente contra o sofrimento não pode, segundo Pedro, permitir uma coisa dessas. Pedro comporta-se como alguém que se quer substituir a Jesus, quer ser ele a dar as ordens e a liderar o caminho ascendente para Jerusalém (que em Marcos representa a cidade da paixão e da dor). Portanto, Pedro naturalmente faz de Jesus um Deus à sua medida, dá-Lhe ordens, começa a repreendê-Lo pois não são esses os esquemas que tinha previsto. Este é um Deus e um Cristo idolatrados por Pedro, reduzidos a um conceito, confinados na ideologia messiânica de Israel, do Israel farai-cizado. Não admira então a reacção de Jesus que coloca Pedro no seu lugar e o reduz em Marcos à condição de discípulo em Mc 8,33, pois Pedro comporta-se com Ele como um “espírito impuro”, mesmo depois de no início do evangelho Jesus lhe ter mudado o nome passando a chamar-se “Pedro” e não “Simão”. Naquele momento, lá longe em Cesareia de Filipe, longe de Jerusalém, longe da cidade da paixão e da Páscoa, longe da habitação de Deus, longe do templo, Pedro está de facto longe de Deus, longe da imagem de Deus, longe do Deus de Jesus Cristo. Pedro não pensa as coisas de Deus mas somente as dos homens (Mt 8,33b). A sua teologia, a sua reflexão sobre Deus está demasiadamente limitada à história recente de Israel.

Na segunda recusa por parte dos discípulos em Mc 9,32 Pedro surge integrado no seio dos discípulos em *dialéctica* sobre quem é o maior ao longo *do caminho*. O Jesus de Pedro é visto na lógica do poder. As palavras que Jesus profere a anunciar pela segunda vez a condenação em Jerusalém são interpretadas pelos discípulos (Pedro incluído) como um conjunto de vocábulos (*rema*) que eles desconhecem. Cúmulo dos cúmulos, nem sequer entendem a língua e o Deus de Jesus. Cristo para Pedro neste momento continua a ser um estrangeiro, um desconhecido, com palavras que para Pedro subsistem sem nexos. Este continua um Deus desconhecido, que se revela mas que Pedro não descobre como revelado, pois o Deus de Jesus é um Deus que serve a humanidade enquanto que Pedro espera um Deus que o sirva, que lhe sirva, que lhe proporcione cargos e carreiras aliantes. O Deus de Pedro nesta altura é um Deus do poder, sobre O qual Pedro quer ter poder. Por causa disto, Pedro não impede que Tiago e João (os filhos de Zebedeu) façam um pedido completamente descontextualizado e iníquo a Jesus em Mc 10,35. Afinal, o Deus de Pedro é o Deus dos filhos de

Zebedeu, o Deus do poder herdeiro do messianismo político e triunfalista em Israel.

Os evangelhos vão oscilar narrativamente entre Simão e Pedro, porque o próprio Jesus vai jogar com isso. Os evangelistas conseguem por aí convocar o leitor à competência. Timothy Wiarda mostra os níveis distintos de intervenção de Pedro. Por vezes Pedro representa os discípulos como seu porta-voz², mas por vezes é também uma personagem singular com características próprias destacada dos restantes discípulos, intervindo isoladamente³. Em Mc 1,35-39 Pedro está à frente dos discípulos (“*Simôn kai oi me’ autou*”). Partilha das teorias dos discípulos na medida em que está várias vezes ao lado deles⁴, ou mesmo quando se cala na celebração da ceia no momento em que descobrem que Judas vai trair Jesus mas não faz nada para o impedir.

Além de colaborar e de fazer parte do grupo dos Doze, Pedro também surge narrativamente sozinho, como no dramático momento da negação de Jesus (cf. Mc 14,54.66-72)⁵ e mesmo no alto do monte da Transfiguração (cf. Mc 9,2-9)⁶ onde fala cheio de medo precisamente porque não sabe o que está a acontecer. Na negação na paixão, Pedro é muito lesto a negar Jesus. Nem sequer dá tempo para que o galo cante duas vezes. É sintomático que Pedro esteja no momento mais importante (na paixão) *de fora* (cf. Mc 14,54). Pedro segue Jesus não de perto como tinha feito até agora, mas *de longe* (apó *makrôthen* v.54). Pedro está *longe de Jesus*, está *fora de Jesus*, está *longe do Servo de Deus* que está ali ao lado na prisão. Pedro já não está sentado à mesa com os discípulos nem com o Mestre, mas a mesa agora é a dos “criados”. Simbolicamente, vai ser agora à mesa que Pedro se vai contradi-

² Cf. RAYMOND E. BROWN et al., *Peter in the New Testament*, Minneapolis – New York, Augsburg – Paulist 1973, 61; G. CLAUDEL, *La confession de Pierre*, Paris, Gabalda 1988, 395.405; RUDOLPH PESCH, “The Position and Significance of Peter in the Church of the New Testament”, *Concilium* 4/7 (1971) 26; W. T. SHINER, *Follow Me! Disciples in Markan Rhetoric*, Atlanta, Scholars 1995, 63; S. H. SMITH, *A Lion With Wings*, Sheffield 1996, 64; M. A. TOLBERT, *Sowing the Gospel*, Minneapolis, Fortress 1989, 209; J. B. TYSON, “The Blindness of the Disciples in Mark”, *JBL* 80 (1961) 262.

³ Esta é a posição demonstrada no estudo de TIMOTHY WIARDA, *Peter in the Gospels*, [= WUNT/II 127], Tübingen 2000, 9-33, o qual se coloca na linha de muitos outros autores, entre os quais: cf. J. D. KINGSBURY, *Conflict in Mark*, Minneapolis, Fortress 1989, 8-9; H.-J. KLAUCK, “Die Erzählerische Rolle der Jünger im Markus-evangelium”, *NT* 24 (1982) 1-26; D. RHOADS – D. MICHIE, *Mark as Story*, Philadelphia, Fortress 1982, 101.123; R. C. TANNEHILL, “The Disciples in Mark: The Function of a Narrative Role”, *JR* 57 (1977) 386.405; W. S. VORSTER, “Characterization of Peter in the Gospel of Mark”, *Neotestamentica* 21 (1987) 63.

⁴ Cf. TIMOTHY WIARDA, “Peter as Peter in the Gospel of Mark”, *NTS* 45 (1999) 27.

⁵ Cf. TIMOTHY WIARDA, “Peter as Peter in the Gospel of Mark”, *NTS* 45 (1999) 28.

⁶ Cf. TIMOTHY WIARDA, “Peter as Peter in the Gospel of Mark”, *NTS* 45 (1999) 29.

zer e vai negar Jesus a uma criada, a alguém que não tem peso nenhum, pois não tem a coragem de o fazer em público. Na paixão de S. João, Pedro está preocupado com o rito, com o ritualismo, com o cumprimento de um costume, de uma tradição, mas não com Jesus. Pedro não quer ser ordenado por Jesus em Jo 13. Pedro está à mesa com o Filho de Deus, mas não quer comungar com Ele. Tomar do mesmo pão partido e beber do mesmo cálice para Pedro não significa nada, pois Pedro não quer receber a parte que cabe em herança àqueles que desde os tempos do êxodo são os escolhidos (os ordenados) do Senhor – os levitas. Pedro não deixa que Jesus o faça tomar parte (*meros*) consigo. Nos LXX, este termo indica a porção destinada aos levitas, porque estes foram escolhidos por e para o próprio Senhor. A partir desse momento, o próprio Javé compromete-Se com eles (“eu serei a tua porção [*merís sou*] e a tua herança [*kleronomía*] ...” Num 18,20; cf. 26,62). Pedro não quer comprometer-se com Javé nem com o Seu Filho, não quer fazer parte do grupo dos eleitos, dos chamados ao seu serviço. Deus para Pedro não serve para nada. Por isso, não quer fazer parte daqueles que Jesus ordena para si tal como os levitas sabem que Deus é a sua porção (cf. Dt 33,9-11). Pedro está noutra sintonia, ou melhor, está dessintonizado do Deus de Jesus Cristo. Não se liberta das imagens que traz. Também aqui não entende o que Jesus está a dizer, não capta a releitura que está a fazer da tradição aarônica na mais lídima tradição sacerdotal. Pedro não quer fazer parte dos sacerdotes do Senhor. Deus continua para ele reduzido a uma ideologia. Não entende o que Jesus está a propor-lhe, como já não tinha percebido em Mc 9,32 a linguagem de Jesus, o que significa que o Deus de Pedro em certa medida é um Deus marcionita porque ou nega o Deus do Antigo Testamento por desconhecimento ou por recusa explícita. Se não entendeu as palavras de Jesus em Mc 9,32 seria muito provavelmente porque não as praticava na sinagoga. Continua um Deus desconhecido e sem culto.

3. O Deus violento de Pedro

Entre Judas e Pedro surgem algumas semelhanças na paixão. Afinal ambos vão ter os mesmos comportamentos. Pedro vai ser outro Judas que vai dar (*paradidômi*) traindo Jesus. Dá de Jesus uma imagem muito sua.

O Deus de Pedro na paixão é o Deus violento, que resolve a situação pela espada. Tal como Judas, Pedro está junto a Jesus, mas a sua confiança está depositada na segurança da espada que desembainha. O Cristo de Pedro na paixão não é o Jesus que opta pela resistência não violenta.

Judas entrega Jesus por dinheiro (as trinta moedas de Zac 11,12-13 e não de Jeremias como refere Mateus). Tal como Judas, Pedro vê o seu irmão Jesus partir, ser traído pelos seus, ser traído por ele próprio que nega a Jesus a relação que estabeleceu até então. Não adiantou muito estar à mesma mesa com Jesus, quer para Judas quer Pedro. Um e outro vão negá-Lo cada um à sua maneira. Este é o Deus que se vê traído por Israel. Pedro aqui representa todo o Israel, tal como Judas todo o Judah de Gen 37,26-27 (26“Então, disse Judah a seus irmãos: De que nos aproveita matar o nosso irmão e esconder-lhe o sangue? 27Vinde, vendamo-lo aos ismaelitas; não ponhamos sobre ele a mão, pois é nosso irmão e nossa carne. Seus irmãos concordaram”). Pedro opta pela violência em Jo 18,10 (em Mt 26,51 apenas se refere “um dos que estavam com Jesus”), exactamente o que Jesus nunca faz. Assim, Judas e Pedro partem para a paixão completamente *armados*. Ao invés, Jesus apresenta-Se diante de Judas e de Pedro completamente *desarmado* porque Ele é o “belo pastor que dá a vida pela suas ovelhas” (Jo 10,11) numa condição totalmente desarmada pró-martirial em favor do mundo à maneira do servo de Javé. Judas e Pedro não dão a vida porque estão *armados* nem parecem conhecer o quarto canto do Servo de Javé de Is 52,13-53,12. O Deus e o Messias de Judas e de Pedro abrem a paixão na violência. Ora, o leitor competente sabe que Jesus tentar tirar a ambos desta lógica, deste círculo vicioso, perguntando pelo beijo a um e mandando recolocar a espada na bainha a outro. Na versão de Mateus, Pedro e Judas estão no mesmo grupo (Mt 26,46-52)

⁴⁶ “Levantai-vos, vamos! Eis que o traidor se aproxima. ⁴⁷ Falava Ele ainda, e eis que chegou Judas, um dos doze, e, com ele, grande turba com espadas e varapaus, vinda da parte dos principais sacerdotes e dos anciãos do povo. ⁴⁸ Ora, o traidor tinha-lhes dado este sinal: Aquele a quem eu beijar, é esse; predeí-o. ⁴⁹ E logo, aproximando-se de Jesus, lhe disse: Salve, Mestre! E beijou-O. ⁵⁰ Jesus, porém, disse: Amigo, a que vieste? Nisto, aproximando-se eles, deitaram as mãos em Jesus e prenderam-No. ⁵¹ E eis que um dos que estavam com Jesus, estendendo a mão, sacou da espada e, golpeando o servo do sumo-sacerdote, cortou-lhe a orelha. ⁵² Então, Jesus disse: Embainha a tua espada; pois todos os que lançam mão da espada à espada perecerão”.

Pedro tentou desviar Jesus do Seu Pai, do seu futuro com palavras doces semelhantes às do tentador no início do ministério público de Jesus (cf. Lc 4; Mt 4) ignorando assim a advertência do salmista no Sl 55,20-21, pois continua a crer num Deus perfeitamente disponível

²⁰ “Tal homem estendeu as mãos contra os que tinham paz com ele; corrompeu a sua aliança. ²¹ A sua boca era mais macia que a manteiga, porém no coração havia guerra; as suas palavras eram mais brandas que o azeite; contudo, eram espadas desembainhadas”.

Judas e Pedro querem então comportar-se como Joab (2 Sam 3:27; 2 Sam 20,8)

2 Sam 3:27 ²⁷ “Regressando, então, Abner a Hebron, Joab tomou-o à parte, no interior da porta, para lhe falar em segredo, e ali o feriu no abdômen, e ele morreu, agindo assim Joab em vingança do sangue de seu irmão Asael”.

2 Sam 20,8 ⁸ “Chegando eles, pois, à pedra grande que está junto a Gibeão, Amasa veio perante eles; trazia Joab vestes militares e sobre elas um cinto, no qual, presa aos seus lombos, estava uma espada dentro da bainha; adiantando-se, fez cair a espada. ⁹ Disse Joab a Amasa: Vais bem, meu irmão? E, com a mão direita, pegou a barba, para o beijar. ¹⁰ Amasa não se importou com a espada que estava na mão de Joab, de sorte que este o feriu com ela no abdômen e deramou-lhe por terra as entranhas; não o feriu segunda vez, e morreu”.

4. Deus e Jesus face a Cephas

Apesar de todas estas contradições, Pedro e Judas têm remorsos, ainda lhes resta um pingo de consciência. Quer um quer outro arrependem-se

Mt 27,3-10 ³ “Então, Judas, o que o traiu, vendo que Jesus fora condenado, tocado de remorso, devolveu as trinta moedas de prata aos principais sacerdotes e aos anciãos, dizendo: ⁴ Pequei traindo sangue inocente. Eles, porém, responderam: Que nos importa? Isso é contigo. ⁵ Então, Judas, atirando para o santuário as moedas de prata, retirou-se e foi enforcar-se. ⁶ E os principais sacerdotes, tomando as moedas, disseram:

Não é lícito deitá-las no cofre das ofertas, porque é preço de sangue.⁷ E, tendo deliberado, compraram com elas o campo do oleiro, para cemitério de forasteiros.⁸ Por isso, aquele campo tem sido chamado, até ao dia de hoje, Campo de Sangue.⁹ Então, se cumpriu o que foi dito por intermédio do profeta Jeremias: Tomaram as trinta moedas de prata, preço em que foi estimado aquele a quem alguns dos filhos de Israel avaliaram;¹⁰ e deram-nas pelo campo do oleiro, assim como me ordenou o Senhor”.

Um e outro arrependem-se, como os irmãos de José. Judas continua *judeu* como *Judah* e Pedro continua o *Simão* que nunca deixou nem conseguiu deixar de ser

Gen 42:21 ²¹ “Então, disseram uns aos outros: Na verdade, somos culpados, no tocante a nosso irmão, pois vimos a sua angústia da alma quando nos rogava e não o auxiliámos; por isso, nos vem esta ansiedade”.

Pedro não pode não chorar, pois deu-se conta do que fez. Traiu um amigo. Assim, é maior a dor do que vai ser crucificado, porque está completamente abandonado, mesmo pelos seus mais próximos, que até comeram com Ele. No coração de Cristo, nas consciências de Pedro e de Judas ressoa a verdade do salmista

Sl 55,12-14 ¹² “Com efeito, não é inimigo que me afronta; se o fosse, eu o suportaria; nem é o que me odeia quem se exalta contra mim, pois dele eu me esconderia; ¹³ mas és tu, homem meu igual, meu companheiro e meu íntimo amigo.¹⁴ Juntos andávamos, juntos nos entretínhamos e íamos com a multidão à casa de Deus”;

Sl 41,9 ⁹ “Até o meu amigo íntimo, em quem eu confiava, que comia do meu pão, levantou contra mim o calcanhar”.

Ambos não estiveram à altura das dificuldades. No momento em que Jesus mais precisava, abandonam-No. Como refere Jerome-Murphy O'Connor

“Sem dúvida nenhuma que a possibilidade de que existam alguns que não cheguem a reconhecer Jesus diante dos homens indica de modo claro a consciên-

cia que o próprio Jesus tinha que os seus discípulos seriam desafiados⁷. Isto não exigia qualquer previsão excepcional. Se os seus críticos consideravam que Jesus era um filho rebelde digno de morte (Mt 11,19), não seria então também inevitável que os seus seguidores fossem sujeitos a perseguição? A infecção tinha de ser erradicada completamente do meio do povo judeu. Assim, à medida que as nuvens da hostilidade se tornaram cada vez mais densas⁸, Jesus avisou os seus discípulos que em algumas situações (que até poderiam conduzir ao martírio) lhes seria exigido o testemunho pessoal sobre o seu estado e sobre a sua autoridade. Pedro foi de facto desafiado nesse sentido no átrio do sumo-sacerdote e falhou no teste (Mc 14,66-72)⁹.

Mas aqui acontece a reviravolta. O Deus do Antigo Testamento é um Deus que perdoa Pedro e que confia nele. Sabe que Pedro não ficará indiferente, Deus acredita que Pedro reconsiderará o que fez. Por isso, confia nele, mesmo advertindo o cantar do galo. Pedro então chora perante a verdade de Jesus, do Deus verdadeiro que não expulsa a sua inverdade ao continuar a falar pelo remorso da sua consciência. Pedro sabe que é alguém que nunca foi mandado embora por Jesus e pelo seu Deus. Há um braseiro que arde sem consumir, que lhe consome a alma ao ponto de não conseguir deixá-lo indiferente. Este é o Deus pessoal de Jesus, do nazareno. Pedro nega Jesus à beira de uma fogueira. Deus revela-Se a Moisés na sarça-ardente em Ex 3 mas não consome a sarça. Arde mas não consome, antes, surpreende e cativa. Pedro está à beira de uma fogueira, de um fogo que arde, que lhe arde a alma, que lhe consome a alma, mas que não o destrói. Esse é o fogo que o anima, o fogo que o acalenta. O fogo, a brasa, o ardor está ali ao lado na prisão do sumo-sacerdote. Mesmo de fora, mesmo longe, Pedro está como Moisés diante da nova sarça-ardente, está outra vez diante de Deus no novo monte Sinai que é o monte de Sião. Jesus mostra a Pedro outra vez o Deus dos antepassados, o Deus misericordioso e compassivo, o Deus que conhece Pedro. Jesus conhece Pedro, sabe que pode contar com ele. Por isso, Pedro vai ser encontrado depois da paixão outra vez à volta de uma fogueira em Jo 21. Vai aí ser

⁷ Cf. W. D. DAVIES – DALE ALLISON, *A Critical and Exegetical Commentary on the Gospel of Matthew Chs. 8-18*, vol. II, [= ICC], Edinburgh 1991, 215.

⁸ Cf. ULRICH LUZ, *Das Evangelium nach Matthäus*. 2 Teilband. Mt 8-17., [= Evangelisch-katholischer Kommentar zum Neuen Testament I/2], Zurich, Benziger / Neukirchen, Neukirchener Verlag 1990, 124.

⁹ JEROME MURPHY-O'CONNOR, *Jesus and Paul Parallel Lives*, Collegeville Minnesota 2007, 75.

novamente alimentado e receber a missão de apascentar as suas ovelhas. Pedro acaba por se reconhecer como receptor de um dom, de um perdoar, de um *perdão*. A existência de Pedro é uma existência perdoada, o que mostra que Jesus o conhece bem. Tanto o conhece que mostra outra vez depois da Páscoa compreensão e paciência para com ele ao perguntar-lhe do nível do seu amor. O texto é muito fino. Nas duas primeiras perguntas em Jo 21 Jesus pergunta se Pedro o ama (com o verbo *agapao*), só à terceira é que a questão desce ao nível de Pedro com o verbo “gostar” (*philô*, “ser amigo de”). Jesus volta outra vez a perdoar-lhe ser incapaz de O amar, sabe que Pedro quando muito conseguirá apenas ser amigo dEle. Pedro responde sempre (das três vezes) que é *amigo* de Jesus, nunca diz que O ama. Não pode, depois de ter feito o que fez. Apesar disto, Deus em Jesus não o perde, como já não tinha perdido depois de Mc 8,32. Antes e depois de Jerusalém Pedro é perdoado. Para mostrar isto mesmo, Jesus pergunta-lhe em Jo 21 com o seu velho nome de “Simão”. É sintomático que este diálogo conclua o evangelho de S. João, pois a seguir os Actos vão dar continuidade ao trabalho do Deus de Cefas. Este amigo de Jesus é feito discípulo, é enviado como Paulo por pura graça. Quer Simão quer Saulo vão ser enviados, são “empurrados”. Pedro é voltado para o universal em Lida e em Jope (cf. Act 9) baptizando em Cesareia um pagão (Cornélio) em Act 10. Pedro não admira que seja colocado lado a lado de Paulo nos Actos. Ambos universalizam a missão de anunciar o evangelho. Ambos são perdoados, uma pela negação outra pela perseguição. O Deus de Pedro é o Deus de Paulo, o Deus da graça.

Em 1 Cor 15,3, assim, Paulo transmite-nos sem reservas memórias e kerigma anteriores à sua actividade missionária. Aí chama a Pedro com o nome de Cefas, com o qual o designa sempre excepto em Gal 2,8. Nos sinópticos encontramos Pedro como o primeiro no meio dos Doze, chamado e enviado (cf. Mc 1,16-20; Mt 4,18; 10,2; Lc 5,1-11). Todas as listas dos apóstolos começam com Pedro e terminam com Judas que traiu Jesus (cf. Mt 10,2; Mc 3,16-19; Lc 6,14; Act 1,13). Ao ser chamado, Pedro vê Jesus mudar-lhe o nome, o que na antiguidade significa a atribuição de uma nova essência, logo de uma nova missão tal como aconteceu com Abraão (cf. Gen 17,5), com Sara (v.15) e com Jacob (32,28). Na famosa *dita* “confissão de Pedro” em Cesareia de Filipe (bem lá no norte nas fontes do Jordão), Jesus chama-o “rocha”, “pedra” e promete-lhe que “sobre esta *pedra* edificarei a minha Igreja” (Mt 16,16-18). Pedro é mencionado como repre-

sentante de todos os apóstolos e de toda a Igreja (cf. Mt 17,24-27; Mc 14,26-31; Lc 5,4-11). Pedro exprime com frequência as perguntas dos restantes discípulos no capítulo sobre a Igreja (cf. Mt 18,21; Lc 12,41), quase como porta-voz do grupo. Pedro é nomeado quer como cabeça dos Doze quer à parte no anúncio do kerygma (cf. Mc 16,7; Act 2,14; 1 Cor 9,5). Nele se polarizam as diferentes sensibilidades do Novo Testamento. A Igreja nascente encontra em Pedro o Deus de Paulo, o Deus universal. Neste sentido, as primeiras gerações e os escritores do Novo Testamento (sobretudo os evangelistas e Paulo) retêm o que Simão pensa de Deus e o que Deus pensa de Cephas, bem como o que Deus e Jesus dão continuamente a Pedro e a Paulo. Por conseguinte, Pedro e Paulo nos Actos surgem em perfeito paralelismo, não em contraposição, como mostra Jean-Noel Aletti na comparação (*synkrisis*)¹⁰ de ambos

<i>Synkrisis</i>	Pedro	Paulo
<i>Diversos discursos inaugurais</i>	2,14-36	13,16-41
Pedro e Paulo cheios do Espírito Santo	2,4, 4,8	13,9
<i>Cumprem os mesmos objectivos</i>		
• curam um doente e de cada vez apresentam a explicação do sucedido	3,1-10 3,12-26	14,8-10 14,15-17
e da menção da duração da doença	4,22 (40 anos)	14,8 nascença
• exorcismos	5,16	16,16-18
• conflitos com os magos	Simão 8,8-24	Elimas 13,6-12
• ressurreição	9,36-43	20,7-12
• são-lhes apresentados todos os doentes	5,16	28,9
<i>Ambos são escolhidos para evangelizar os pagãos</i>		
Os crentes hebreus dão graças a Deus pelo que aconteceu em favor das nações	10-11 (15,7) 11,18	13-28 21,20
<i>Visões para a evangelização</i>		
Impõem as mãos para que os que receberam o baptismo de água recebam o do Espírito	10,9-16 8,17	16,9 19,6
<i>Aprisionamento e libertação</i>		
aprisionados	4,3; 5,18; 12,3	16,23; 21,33-34 24,27
percursos	5,40	16,22-23
comparecem perante o Sinédrio	4,7; 5,26	23,1-10
libertação a meio da noite	5,19; 12,6-11	16,25-40

¹⁰ Cf. JEAN-NOËL ALETTI, *Il Racconto come Teologia Studio narrativo del terzo Vangelo e del libro degli Atti degli Apostoli*, Roma 1996, 58.

Com isto o narrador dos Actos quer mostrar ao leitor que Paulo é um verdadeiro discípulo tal como Pedro, mesmo que não tenha seguido Jesus desde o baptismo de João. Mas a grande diferença reside na parte final (cf. Act 21-28), pois esta grande secção não tem correspondência com o chamado ciclo de Pedro (cf. Act 1-13). Isso não significa que Pedro não tenha sofrido por Cristo, apesar de O negar. Mas também Paulo perseguiu a Igreja de Cristo (cf. Act 6-7). Ambos foram perseguidos. Assim sendo, subsiste uma grande imagem paulina de Pedro, “eine beachtenswerte Paralle zu Paulus”¹¹. Simão é objecto de misericórdia como Saulo. Ambos reiniciam as suas vidas com Jesus. Ambos encontram o Cristo de Deus. A Igreja neotestamentária encontra em Pedro então uma Tradição e uma eclesiologia de síntese, de “mediación”¹². O próprio Paulo recorda a missão messiânica eclesial em que Pedro assume um lugar de relevo, de proeminência na comunidade¹³ (cf. Gal 1,18; 2,1-10).

Conclusão

Exegeticamente, “die Petrusforschung erwacht mit dem Aufkommen der biblischen Exegese als Wissenschaft”¹⁴. Este estudo começou por contrapor com Johannes Semler (1725-1791) as figuras de Pedro e Paulo enquanto ícones de tradições e de teologias diversas. Este confronto desembocou nas conclusões de Ferdinand Christian Baur (1792-1860) na escola de Tübingen ao contrapor o petrinismo ao paulinismo. Mas hoje, nesta época dita do leitor na exegese bíblica, felizmente que se chegou a uma reponderação e a um consenso em que é possível vislumbrar as afinidades literárias, narrativas e teológicas destas duas figuras. Pedro e Paulo têm ambos o mesmo Deus triuno. Como reconhece Joachim Gnilka, também Pedro passou por um processo de abertura e de reconfiguração teológica, curiosamente em Cesareia junto ao mar virado para ocidente, para a

¹¹ JOACHIM GNILKA, *Petrus und Rom Das Petrusbild in den ersten zwei Jahrhunderte*, Freiburg im Br. – Basel – Wien 2002, 142.

¹² Cf. RAFAEL AGUIRRE MONASTERIO (ed.), *Pedro en la Iglesia Primitiva*, [= Institución San Jerónimo 23], Estela Navarra 1991, 12.

¹³ Cf. JEAN-GEORGES BOEGLIN, *Pierre dans la communion des Églises Le ministère pétrinien dans la perspective de l'Église-Communion et de la communion des Églises*, [= CogFid 242], Paris 2004, 423-428; JOACHIM GNILKA, *Petrus und Rom Das Petrusbild in den ersten zwei Jahrhunderte*, 80 („Simon Petrus war der Erste in der Gemeinde“).

¹⁴ Cf. JOACHIM GNILKA, *Petrus und Rom Das Petrusbild in den ersten zwei Jahrhunderte*, 9.

capital do império, para a paganidade, o mesmo lugar de onde Paulo parte prisioneiro para Roma ao encontro do mundo e da cultura universal

“Dieses geistreiche Konzept von der Entstehung des Urchristentums, in dem Petrus als der Vertreter des Judenchristentums erscheint, hat lange nachgewirkt und ist – wie wir noch sehen werden – wenn auch auf andere Weise bis heute wirksam. Freilich sehen wir heute das Verhältnis von Judenchristentum und Heidenchristentum, von Petrus und Paulus, anders, differenziert ... Petrus selber gewinnt ein distanzierteres Verhältnis zu diesem und begibt sich auf Missionsreise nach dem Westen, indem er Jerusalem und dann auch Antiochia verlässt”¹⁵.

Em síntese, o leitor competente encontra o Deus de Simão bem com o Pedro de Deus e de Jesus no Novo Testamento. Na condição crente, Pedro passa pelo drama da fé. Por ele também a Igreja parte para o mundo, ao encontro do mundo. Nele Jesus aposta mesmo continuando a ser Simão.

¹⁵ JOACHIM GNILKA, *Petrus und Rom Das Petrusbild in den ersten zwei Jahrhunderte*, 10 (cf. *ibidem* 273).